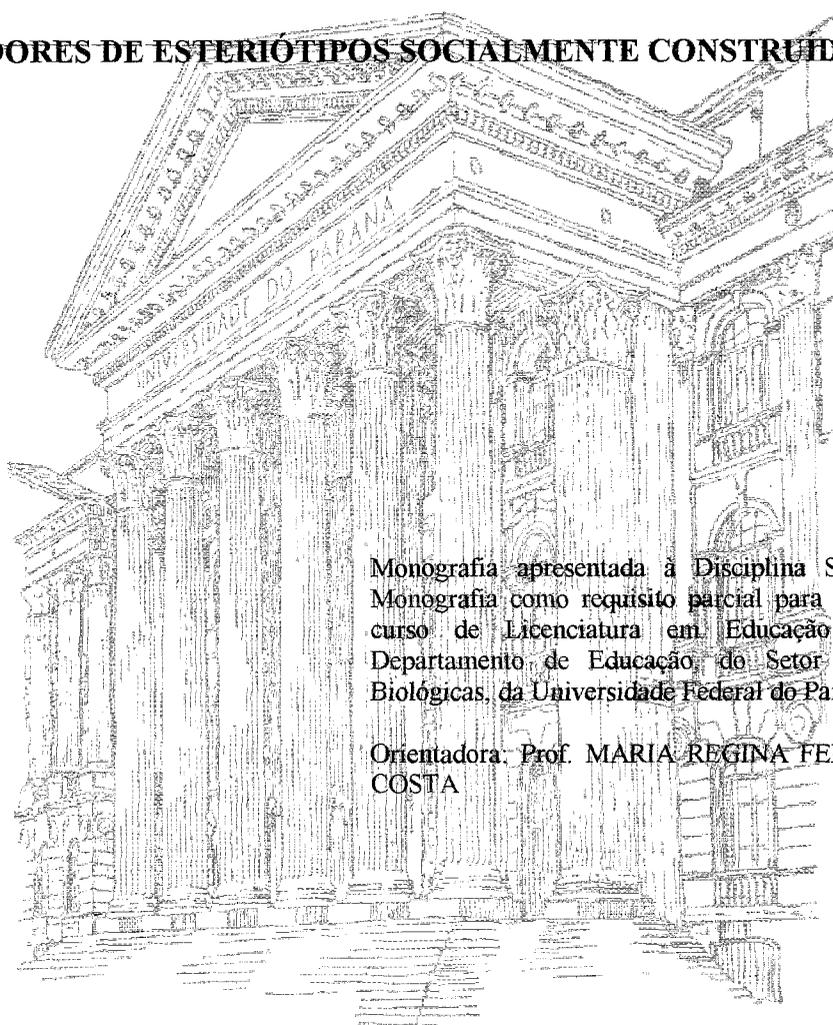


**REJANE CRISTINA MACÁRIO**

**A VISÃO DO CORPO FEMININO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO COMO  
FORMADORES DE ESTERÉOTIPOS SOCIALMENTE CONSTRUÍDOS**



Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. MARIA REGINA FERREIRA DA COSTA

**CURITIBA  
2000**

A todos os meus familiares pelo apoio durante esses quatro anos.  
Ao meu namorado Claudio, pelo carinho e compreensão.  
Em especial à professora Maria Regina F. da Costa pela disponi-  
bilidade e paciência na elaboração deste trabalho.  
À amiga Talissa, pela amizade e estímulo.

Rejane C. Macário

## RESUMO

O processo de socialização: família, escola, meios de comunicação, igreja, etc., faz com que meninos e meninas internalizem diferentes modos de viver a vida como homens e mulheres. Para que seja possível compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. Neste sentido, este estudo teve como finalidade analisar como os estereótipos sexuais socialmente desenvolvidos e internalizados pela educação familiar e escolar são frutos de uma valorização desigual de homens e mulheres na sociedade. Para tanto foi realizado um estudo de cunho bibliográfico fundamentado nas obras de MURARO (1996); ORBACH (2000); SARAIVA (1999); ALTMANN (1999); WHITAKER (1988); MEDINA (1990) entre outros. Através das análises foi possível observar que apesar de vivermos em uma sociedade patriarcal existem espaços para as mulheres tanto na política, trabalho, educação, como em diversas profissões consideradas masculinas, denotando espaços de transgressão. Porém, a eliminação da hegemonia patriarcal não é rápida e tampouco fácil, pois a própria mulher ao ser inferiorizada passa a acreditar nisto, possibilitando a perpetuação desta estrutura social ao transmiti-la aos seus filhos/as. Diante disto, não podemos esquecer que os comportamentos atuam como organizadores inconscientes da ação e esta é uma característica inconsciente difícil de ser modificada. Atualmente, o resgate da história feminina aparece em todos os textos co-educativos frisando que nos livros de texto têm que aparecer referenciais femininos porque as meninas não se identificam com os personagens acadêmicos sempre masculinos. É necessário afirmar o feminino, valorizar as meninas, dar visibilidade ao desejo feminino. A falta de um modelo feminino tem sua explicação na História da humanidade, em que as mulheres encontram-se ausentes, na história cotidiana das mulheres frente ao universalismo androcêntrico. Ao transladar a discussão para as aulas de Educação Física ainda averiguamos que existe turmas separadas por sexos, muito embora muitas escolas trabalhem com o regime misto. Neste caso, deveríamos questionar não somente o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentido nossas alunas e alunos dão ao

que aprendem porque é justamente na falta de experiência na habilidade, participação que está a diferença de desempenho entre as meninas e os meninos. Neste sentido, é de fundamental importância observar que as meninas são socializadas com menor proporção de atividades físicas, e tem menor probabilidade de adquirir certas habilidades fora do contexto da escola. Como bem coloca Talbott (1993) a experiência anterior influi na participação na escola e ao mesmo tempo a escola representa uma oportunidade de aprendizagem, mas isto não quer dizer que os meninos sejam hábeis em todas as atividades propostas porque existem muitos que não tiveram a oportunidade de aprender e portanto, não participam. Para evitar a estimulação das atividades estereotipadas, os valores do grupo misto devem ser constantemente confrontados, e verificar se os/as estudantes estão realmente trabalhando juntos. A estratégia deve ser claramente planejada se o objetivo é mantê-la, devemos prestar atenção aos que não participam. Trabalhar em grupo não é uma tarefa simples.

## SUMÁRIO

**DEDICATÓRIA**

**RESUMO**

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 PROBLEMA .....	2
1.2 OBJETIVOS .....	2
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	3
2.1 A MULHER E O MERCADO CORPORAL .....	3
2.2 A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA SOCIEDADE PATRIARCAL .....	5
2.3 COMO A SOCIALIZAÇÃO MARCA O MERCADO DE TRABALHO EXERCIDO POR MULHERES E HOMENS .....	8
2.4 A ESCOLA COMO PRODUTORA E REPRODUTORA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO TRADICIONAIS .....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	17
<b>4 CONCLUSÃO</b> .....	18
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	20

# 1 INTRODUÇÃO

A emancipação da mulher, e seu posicionamento perante a sociedade, fez com que o corpo feminino ficasse em evidência, ou seja, a mulher quer estar bem esteticamente, preocupando-se em alcançar e manter a boa forma física. Essa obsessão pela estética corporal e manutenção de certos padrões que a sociedade vem desenvolvendo é resultado de um jogo de poder que manobra o uso do corpo, tornando-o um dos maiores consumidores no ponto de vista econômico. Assim, o corpo se torna mercadoria e a mulher é o principal alvo na busca do corpo perfeito, pois a sociedade machista ainda predomina.

Em nossa cultura, o conceito de corpo feminino ainda se parece com o do patriarcado; isto é a força associada aos homens, e fragilidade e sensibilidade, às mulheres. Os homens têm o corpo mais livre e sua sensibilidade retraída, pois, quando exposta, ameaça sua virilidade. As mulheres, não “podem” expor seus corpos; ao contrário; terão sua imagem associada ao impuro, ao imoral. Sua agressividade é reprimida, porque a mulher é considerada passiva e, portanto, submissa.

Com isso, a mulher permite que a sociedade lhe imponha uma série de valores. Um deles, presente até hoje, é a imagem da mulher vinculada ao lar, ao trabalho doméstico e aos filhos. E, quando trabalha fora, enfrenta a dupla jornada de trabalho. Já o homem é ensinado a enfrentar a vida, encarar o mercado de trabalho e tornar-se responsável pelo capital da família. A casa é para ele o seu lugar de descanso.

Para que essa situação se transforme, as mulheres precisam ser reconhecidas com direitos individuais e sociais que não devem ser “acrescentados” aos direitos dos homens, mas reconhecidos e integrados para a melhoria da sociedade.

Ao expor estas situações podemos dizer que as relações de gênero são, estão e se dão nas escolas e aulas de Educação Física. Lá, as crianças formam estereótipos desvalorizadores da função da mulher. Nas aulas de Educação Física, meninos e meninas são separados por turmas, por força e por habilidade, limitando o desenvolvimento motor dos mesmos.

É importante salientar que todo processo educacional deve desmistificar as diferenças entre os sexos, considerando o valor individual relacionando-o com o mundo.

Assim, este estudo está voltado a uma análise da mulher e da construção do seu corpo na sociedade patriarcal, bem como das relações de gênero no mercado de trabalho, nas escolas e aulas de Educação Física.

## 1.1 PROBLEMA

Como os estereótipos<sup>1</sup> sexuais socialmente desenvolvidos e internalizados pela educação familiar e escolar são frutos de uma valorização desigual de homens e mulheres na sociedade?

## 1.2 OBJETIVOS

- Analisar como a visão de corpo está relacionada com a mulher atual.
- Identificar como se dá as relações de gênero<sup>2</sup> na sociedade.

---

<sup>1</sup> LARROSA (1995:328) relata que: “os estereótipos são os lugares comuns dos discursos, o que todo mundo diz, o que todo mundo sabe. Algo é um estereótipo quando é imediatamente compreendido, quando não há quase nada o que dizer. E é enorme o poder dos estereótipos, tão evidentes e tão convincentes ao mesmo tempo.”

<sup>2</sup> Segundo SCOTT citado por ALTMANN (1999:112) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primária de dar significado às relações de poder. O gênero é uma construção social, cultural, psicológica e pessoal de masculinidade e feminilidade. E sexo, refere-se ao aspecto biológico: homem ou mulher. Segundo FERREIRA (1997) predominam nas sociedades as funções de gênero e não as funções de sexo porque são nas sociedades que o masculino e o feminino se manifestam através do vestuário, interesses, atitudes, comportamentos e aptidões. DELAMONT citado por FERREIRA (1997:1398), diz que “a maior parte dos comportamentos masculino e feminino respeita ao gênero e não ao sexo.”

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 A MULHER E O MERCADO CORPORAL

Atualmente, a sociedade está voltada para os bens de consumo e, com os avanços tecnológicos, entramos na moda do culto ao corpo. Artistas, cantores e empresários revelam diariamente sua “saúde” e estética através dos meios de comunicação<sup>3</sup> de massa.

Essa exposição de corpos, em sua maioria, envolve os corpos femininos.

“O modelo de beleza apregoadado pela sociedade atual, afeta especialmente as mulheres. O modelo é o corpo feminino perfeito, magro e esguio. A apologia do corpo perfeito é uma das mais cruéis fontes de frustração feminina dos nossos tempos” (ORBACH, 2000:14).

A mulher, vivendo em uma sociedade machista, se vê na obrigação de manter certos padrões de beleza, que lhes são impostos a todo momento.

“A beleza, para as mulheres, torna-se uma obrigação na luta pelo desejo masculino – Idolatria da Forma Física – seu corpo volta-se para o prazer pelo consumo corporal” (WERNECK, 1996:143).

MURARO (1996) coloca que a mulher se vê, segundo o olho do homem. Daí a sua compulsão por ser bela a todo custo. Deste modo, a mulher torna-se escrava do seu próprio corpo. O corpo perfeito<sup>4</sup> representa a felicidade completa.

O ser humano prisioneiro do seu corpo, faz investimentos brutais sobre ele ficando totalmente dependente do mesmo, partindo para uma auto-destruição.

“Vivemos uma época que adula e valoriza o corpo tanto quanto o avilta e o explora” (SANT’ANNA, 1996:59).

---

<sup>3</sup> WERNECK (1996:145) diz que estes meios “reforçam a idéia de que o corpo bonito deve ser perseguido a qualquer custo, ficando frustrados aqueles que não conseguem se aproximar do modelo de beleza corporal preestabelecidos em nosso meio.”

<sup>4</sup> “As pesquisas oriundas das ciências bio-médicas têm trabalhado no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita, como parte de um novo arquétipo da felicidade humana” (SILVA, 1999:52).

O corpo torna-se um meio para o sucesso e dominação. E isso passa a interessar os homens.

Para ORBACH (2000) o fenômeno entre os homens é mais recente e também está tomando uma dimensão assustadora. As revistas masculinas estão cheias de “segredinhos” para alcançar o chamado corpo ideal, repleto de músculos.

“Os homens estão descobrindo que a aparência jovem e atlética torna-se um atributo na hora de conseguir um emprego” (VEIGA, 1996:76).

“Os homens cuidam-se melhor hoje porque acreditam que, se estiverem em forma, bem dispostos e bem-arrumados, terão maiores chances no mercado de trabalho, mais disposição nas horas de lazer, maior satisfação consigo próprios e, acima de tudo, mais sucesso nas conquistas amorosas” (ORBACH, 2000:15). Isto quer dizer que a aparência corporal também afeta os homens.

No entanto, o mercado do corpo é ainda das mulheres. Maquiagens, redutores de rugas, cremes anti-celulites, cirurgias plásticas e lipoaspirações são mecanismos de beleza praticamente femininos<sup>5</sup> mostrados diariamente nos meios de comunicação, os quais idolatram o belo e torna as pessoas narcisistas. Isso acarreta na exclusão dos que não se integram ao modelo estético imposto.

Segundo MURARO (1996) ao perguntar durante uma pesquisa para um grupo de mulheres como viam os seus corpos, antes e depois de terem filhos, descobriu que essas mulheres vêem seu corpo como igual, mas tornado igual depois de um processo penoso de massagens, dietas e exercícios. Elas vêm cuidando do corpo depois da maternidade, como algo egoísta, pecaminoso, culposo, algo que se tem que fazer por obrigação.

ORBACH (2000) relata que existe uma poderosa indústria de produtos de emagrecimento e de beleza que ajuda a disseminar a insatisfação. Esta indústria amplifica a imagem do corpo perfeito nos meios de comunicação de massa e isso vem contribuindo para o problema tomar a forma de uma “epidemia”. A utilização desses métodos é um modo de maltratar o corpo com o qual as mulheres não estão satisfeitas.

---

<sup>5</sup> Atualmente os homens também estão utilizando destes mesmos mecanismos, mas em menores proporções.

Segundo MEDINA (1990) é preciso superar a visão do corpo como um simples objeto, um utensílio cuja preocupação básica é o rendimento e a produtividade tecida pelo lucro. O corpo não deve ser apenas uma mercadoria sendo inscrito na categoria do jurídico, isto é, estar sempre sendo julgado como feio ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco, magro ou gordo, feminino ou masculino, preto ou branco, sensual ou impotente, novo ou velho,... e a partir daí ser discriminado, deixando-se de lado sua natureza dialética. O corpo não deve ser uma peça que cumpre a sua função (de produtor, reprodutor ou consumidor) dentro da engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem que tem como meta a lucratividade a qualquer custo.

## 2.2 A CONSTRUÇÃO DO CORPO FEMININO NA SOCIEDADE PATRIARCAL

A concepção predominante sobre a mulher não mudou muito na sociedade ocidental, desde o final do século XVIII até nossos dias. Para ROUSSEL citado por SARAIVA (1999:60) a mulher era

(...) identificada por sua sexualidade e seu corpo, enquanto o homem é identificado por seu espírito e energia. O útero define a mulher e determina o seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. As mulheres tinham músculos menos desenvolvidos e eram sedentárias por opção. A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional fazia delas os seres mais aptos para criar os filhos. Desse modo, o útero definia o lugar das mulheres na sociedade como mães.

De acordo com WHITAKER (1988) desde a história antiga há um constante reafirmar da sujeição feminina. A história do Brasil começa com a chegada do “homem” branco. Os nomes dos homens brancos se sucedem: comandantes de expedições, governadores, bandeirantes. E as mulheres, onde estão? Na família patriarcal<sup>6</sup>, afirma-se que as mulheres são sempre submissas. No entanto, sabe-se hoje

---

<sup>6</sup> LAGO (1996) descreve que a família patriarcal pode ser exemplificada também através do casamento por determinação paterna. O matrimônio constituía apenas mais uma obrigação social. Ao casar-se, a mulher passava do domínio paterno para o domínio marital.

que a família "popular" no Brasil Colônia não era patriarcal<sup>7</sup> e que mulheres chefiaram famílias, trabalharam pelas ruas, foram comerciantes e participaram de conspirações. Então, por quê os méritos são dados apenas para os homens?

Uma das respostas deve-se ao fato de que os caminhos da mulher sempre foram e ainda são difíceis.

Para SOARES (1998) a mulher é um sujeito social, historicamente determinado, mas a partir de uma história oculta e perdida no emaranhado do poder patriarcal. E esse é um fato que precisa ser desvendado como uma alternativa que lhe permita não só se apropriar dessa história, mas também para que possa se converter em sujeito de sua realidade, em ser social transformador de si mesmo e de seu grupo.

"A cultura influencia no comportamento humano, e quem produz e transforma a cultura cotidianamente são os homens<sup>8</sup>" (DAOLIO, 1995:103). As mulheres estão/foram/e ainda são ausentes frente ao universalismo androcêntrico.

De acordo com MURARO (1996) são os homens que fazem as normas<sup>9</sup>. E as fazem diferentemente para eles e para as mulheres. Para eles a Lei é outra. Não há transgressão. A eles tudo é permitido, portanto, estão sempre certos. Nunca serão punidos.

A idéia de que a mulher precisa de proteção extra ou deve realizar as tarefas consideradas mais fáceis continua tão forte que, quando uma menina manifesta um pouco de ousadia ou agressividade, ela é geralmente barrada.

"As diferenças entre os seres humanos são tantas que até permitem diferenças culturais. O ser humano tem um potencial tão grande para a diferença que ele nunca deveria ser mecanicamente trabalhado em termos machistas, racistas ou etnocêntricos.

---

<sup>7</sup> Para SOARES (1998) patriarcal é o que visualiza a mulher sempre pela ótica da inferioridade e relegada à posição de submissão. Categoria que ao longo dos séculos vem sofrendo a opressão e dominação dos grupos do reivindicatórias de vários movimentos sociais que eclodem em nosso país e no mundo todo.

<sup>8</sup> Nessa citação o autor refere-se a homens não como plural, ou seja, exclui as mulheres, e isto também é uma forma de deixar as mulheres sem história.

<sup>9</sup> MORENO citada por COSTA (1999:370) relata que: "a mulher é a grande ausente dos textos escolares de história. Sua ausência está marcada tanto nas descrições das façanhas bélicas como nos escassos momentos em que se fala da organização social. Tudo indica que a mulher foi maltratada ao longo da história, e que os livros de textos continuam maltratando-a numa tentativa desesperada de parar o tempo.

Essas oposições mecânicas violentam, logo na primeira infância, tanto meninas como meninos – elas, reprimidas em sua agressividade; eles, bloqueados na sensibilidade e na afetividade” (WHITAKER, 1988:43).

Entre homens e mulheres as diferenças são óbvias, já que ocorrem concretamente a nível de corpo. O corpo forte e racional está simbolizado pela dominação masculina; enquanto o corpo frágil, sensível e emotivo e o mais recente; o corpo mercadoria está simbolizado pela classe dominada, a feminina.

WHITAKER (1988) relata que os homens em geral têm o corpo mais livre. Suas roupas são mais confortáveis e quando sentem calor podem arrancá-las quase toda, já que seus corpos não são objetos e sim sujeitos da ação e do desejo. Quanto às mulheres, ao entrarem na adolescência, usarão biquínis minúsculos. Isso, porém não significa libertar o corpo. Para fazê-lo, entretanto, deverão ter um corpo bonito, que estará sendo “olhado”. Para a autora uma impiedosa repressão estética – “beleza fascista” – que implica na imposição de padrões de beleza corporal que poucas meninas podem alcançar. Começam assim a comportar-se como objetos do desejo. De tanto prestar atenção ao próprio corpo<sup>10</sup>, preocupada em somente embelezá-lo, a adolescente tem dificuldade em observar o que ocorre no mundo exterior.

De acordo com as análises de BRUHNS (1995:80)

parece existir em nossa sociedade uma polaridade entre dois tipos femininos, formando dois paradigmas de mulher, aos quais determinado padrão de beleza é associado. Se, de um lado, temos a modesta/recatada/pura, de outro, vamos encontrar a imodesta/provocante/sensual. A beleza do corpo, por sua vez, é sempre ambígua, podendo se articular ao puro como ao impuro, tanto pode ser a imagem da integridade como da concupiscência. Quando associada ao puro, a beleza parece refletir ou articular-se a uma qualidade não-corporal, ou seja, a pureza da alma. Quando ao contrário ocorre (associação à concupiscência), ela se constitui num elemento contrário ao primeiro paradigma.

---

<sup>10</sup> “... a consciência do corpo não poderia ter sido adquirida mais do que efeito da ocupação do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a exaltação do corpo belo ... tudo isto está na linha que conduz ao desejo do próprio corpo através do trabalho insistente, obstinado, meticuloso que o poder tem exercido sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo são...” (FOUCAULT, 1995:104).

### 2.3 COMO A SOCIALIZAÇÃO MARCA O MERCADO DE TRABALHO EXERCIDO POR MULHERES E HOMENS.

Segundo WHITAKER (1988) a mulher sujeita à dominação masculina, torna-se responsável pelo espaço doméstico da família e do lar, ou seja, o espaço privado. Vista como uma pessoa frágil e dócil, ela não está preparada para enfrentar o mundo. Os homens sim; fortes, inteligentes e capazes podem e devem comandar os espaços públicos, o mundo do trabalho, e tomar decisões dentro e fora de casa. Com isso, podemos dizer que o espaço do homem é a rua e o da mulher a casa.

Como diz DA MATTA (1997) a categoria rua indica basicamente o mundo, seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma: local de calor e afeto.

BARROS citada por BRUNHS (1995:82) descreve que a mulher está assim presa à família e a tudo que ela simboliza em termos de valores: o mito da mulher-mãe e da esposa submissa, voltada para o mundo interno da casa e cercada de uma série de qualificativos que definem um padrão ideal da mulher.

De acordo com os dizeres de DELGADO (1995) definida como um ser-para-os-outros, a mulher só pode se realizar e se manter sadia no interior da família, objeto do amor sexual do marido e do amor filial da prole, aos quais ela tem que retribuir com a generosidade, a doçura e a resignação.

SOARES (1998) relata que situada na condição de oprimida por falta de opções, a mulher permitiu que a sociedade lhe atribuísse uma série de culpas, e ela própria gera em si esse sentimento, o que inviabiliza sua ascensão e permite que seu destino seja acoplado ao do homem ao qual se liga, bem ao contrário desse, preparado para a certeza de vislumbrar um caminho a seguir. Dessa maneira a mulher acaba sempre por refletir a cultura que partilha.

O conceito da mulher “dona de casa”, e do homem “trabalhador” ainda está presente e vivo em nossa sociedade. Os responsáveis por essa dominação e estagnação,

são homens e mulheres que não buscam mudanças e tem medo dela. Ficam imóveis a situação, solidificando a imagem do homem forte e da mulher vítima que se perpetua. Falta modelo para as mulheres porque estas são socializadas, de um modo geral, nos parâmetros da sociedade patriarcal. Como consequência deste tipo de formação:

“Construímos o ‘macho’ castrado de sua sensibilidade e em boa parte do seu amor e com um comportamento caricaturesco em sua sensibilidade. Construímos a mulher ‘vítima’, sofrida, desprovida de audácia e caricaturizada nas expressões de tristeza e dor” (ASTURIAS, 1997:03).

Segundo WHITAKER (1988) para escapar aos padrões é preciso muita luta e garra, principalmente porque a eles somos submetidos muito cedo em nossas vidas. As meninas, por exemplo, são ensinadas desde muito pequeninas a reprimir sua agressividade, devendo ser “meiguinhas” mesmo quando não nasceram com tendências a desempenhar tal papel. Desde pequenas são mais protegidas, além de orientadas sempre para brincadeiras que se referem ao mundo doméstico. Ela será amada e recompensada quanto mais “feminino” for seu comportamento.

Já os meninos, são estimulados a subir em árvores, chutar bola, “fazer artes”. Ainda que não gostem, serão forçados a enfrentar o meio externo. Isso irá armá-los para a luta pela vida e pelo sucesso profissional, o que não ocorre em relação às meninas.

“O trabalho doméstico, implica em orientar a menina, a servir os homens da casa. A filha está programada para cuidar dos pais na hora da necessidade. Os meninos, em casa, não têm utilidade. Valem simplesmente porque são homens. No velho mundo, a força muscular masculina era posta a serviço dos pais. Hoje as pessoas crescem e vão vender sua força e suas habilidades no mercado de trabalho” (WHITAKER, 1988:21).

Desta forma, os modelos do lar reforçam a desvalorização: a mãe sempre a servir, o pai sempre a dominar e o irmão, a gozar de prioridades e privilégios. A mulher se submete ao homem porque está convencida de que é inferior. Assim, socializa-se a mulher para encontrar satisfação na domesticidade, reservando-se o mundo da política, das profissões e da aventura para os homens. A menina precisará

ser especialmente talentosa e rebelde para superar todas as determinações da relação familiar que caminham na direção da destruição da sua auto-estima.

“O fundamental na utilidade das meninas é o papel que desempenham dentro da casa auxiliando a mãe no trabalho doméstico. Aqui está, o aspecto crucial na desvalorização da mulher. Pode ‘vencer na vida’, realizar descobertas, conquistar posições importantes no mundo dos negócios ou da cultura alguém que já nasceu programado socialmente para lavar, passar, cozinhar ou no mínimo administrar o espaço doméstico?” (WHITAKER, 1988:21).

De acordo com SARAIVA (1999) a mudança ocorre a partir do século XX quando acontece uma ampliação dos espaços públicos às mulheres, na demanda de mão-de-obra exigida pelo desenvolvimento comercial e industrial. Se para os homens a casa é lugar de descanso, para as mulheres não, porque mesmo que a mulher trabalhe fora e tenha empregada, em casa sempre há o que fazer originando a dupla jornada de trabalho.

Na opinião de LAGO (1996), a busca das mulheres ocupando todos os espaços tradicionalmente masculinos foi uma grande conquista: hoje em dia achamos natural mulheres em cargos de comando, dirigindo automóveis, exercendo funções tecnológicas. Mas a dupla jornada de trabalho é um dos problemas que ainda permanecem. Parte significativa dos homens não assumiram a divisão das tarefas domésticas com suas companheiras que trabalham fora, resultando o feminismo num ônus para as mulheres de renda menor. É mais difícil para os homens lidar com uma esposa menos submissa, que pode competir com ele no plano profissional.

WHITAKER (1988) nos adverte que nas classes trabalhadoras, não há como pagar outras pessoas para ajudarem nos trabalhos domésticos e as meninas devem aprender a fazê-los com eficiência e destreza. Quanto mais cedo começarem a aprender, maior a probabilidade de desempenharem bem seu futuro papel de dona de casa. E, principalmente porque deverá sobrar tempo para trabalharem também fora do lar. Quanto mais cedo ocorrer o adestramento feminino, mais rapidez para o desempenho da dupla jornada de trabalho.

“Isto ocorre por razões profundas, ligadas à simbologia negativa do feminino, a realização de tarefas domésticas e até mesmo a ‘ajuda’ dos maridos ameaça a virilidade, e muitos homens hesitam em assumí-las, embora possam tranquilamente fazer as mesmas tarefas em bares, restaurantes e lanchonetes, nos quais trabalham para o capital. Já as mulheres quando se profissionalizam nessa direção, não alcançam os mesmos níveis salariais e de status” (WHITAKER, 1988:44).

Com isso podemos indagar: Que tipos de cursos e carreiras estão efetivamente reservados à mulher? Quais suas perspectivas no mercado de trabalho? Até que ponto a sociedade garante às mulheres condições de se realizarem profissionalmente criando mecanismos que facilitem as tarefas que surgem quando se casam e que raramente os homens assumem? Uma coisa é certa; carreiras que implicam constante prestação de serviços são seguidas quase que exclusivamente por mulheres. É o caso das educadoras infantis, da enfermagem e do serviço social. Para BRUHNS (1995:84)

a oposição dos domínios, respectivos a mulheres e homens, também parece estar presente na opção profissional, pois os papéis ocupacionais tradicionalmente definidos como os mais adequados à mulher são aqueles percebidos como altamente carregados de ‘expressividade’ ou afetividade, apontando os casos da professora primária, da enfermeira ou da assistente social. Outra colocação importante em relação à ocupação profissional revela que quanto mais ‘feminina’ a ocupação, mais mal remunerada são as mulheres em relação aos homens.

O mercado de trabalho é duro para os homens e mulheres. COMAS D’ARGEMIR (1995:35) ressalta que: “[...] não é a divisão sexual do trabalho que explica a subordinação das mulheres, mas a desigualdade entre homens e mulheres que se incorpora como fator estruturante nas relações de produção e divisão do trabalho.”

MURARO (1996) ao entrevistar um grupo de homens e perguntar-lhes se o papel da mulher na família está mudado; concluiu que a maioria vê a independência da mulher como algo negativo. Para eles, mulher que trabalha tem menos influência junto aos filhos, menos participação nas suas vidas. O fato de a mulher trabalhar, sair, curtir, a torna um pouco pública, e isso é visto como algo mal, como desestabilizador da ordem patriarcal.

WHITAKER (1988) diz que para a sociedade o homem é o responsável pelo sustento da família. Por essa responsabilidade paga alto preço em saúde física e até

mental. Mas terá privilégios sem fim: melhores oportunidades e salários sempre que possível. A mulher que “nasceu para servir”, servirá em casa e servirá também no mundo do trabalho. Assim, a nova divisão sexual do trabalho estabelece que certas profissões são masculinas e outras femininas. Então, como competir num mercado de trabalho tão estereotipado, onde profissões e níveis são tão marcadamente masculinos e femininos? Para que trabalhar mais que os homens e ganhar menos que eles?

Diante desta problemática, a vida de certas mulheres consiste em construir os caminhos que permitem a realização dos outros. Está programada, em primeiro lugar, para ser esposa e mãe, sacrificando sua profissão em benefício do lar. Em contrapartida, o homem está programado para ser um profissional em primeiro lugar sacrificando sua dimensão afetiva. Pode-se então observar, que à mulher prisioneira do lar corresponde o homem prisioneiro da profissão.

SOARES (1998) relata que hoje felizmente são crescentes os movimentos que pretendem uma renovação no processo de conscientização da mulher, para que ela própria comece a se aperceber da necessidade de elevação das suas condições sociais, econômicas e políticas e que garantam igualdade de acesso à educação, à informação, a salários dignos e a condições de trabalho seguro; e que propiciem o respeito à sua liberdade reprodutiva.

LAGO (1996) diz que a tendência feminista atualmente predominante propõe a integração pluralista, ou seja, o respeito às peculiaridades de cada indivíduo, dentro de um quadro basicamente de isonomia jurídica. Pelo pluralismo, admite-se que um homem faça tarefas antes consideradas “femininas” e a mulher, “masculinas”, em função dos gostos e aptidões de cada um, ou até mesmo, das contingências da vida. É um arranjo perfeitamente válido um homem desempregado cuidar das crianças e da casa enquanto procura um novo emprego, se sua mulher estiver trabalhando.

Atualmente, já existe licença paternidade e em alguns países do 1º mundo as mulheres voltam ao trabalho e os homens ficam em casa cuidando dos filhos.

Conforme os dizeres de WHITAKER (1988) a mulher vive em constante conflito entre ser mãe e profissional. Quando a mulher trabalha fora do lar, ela se sente culpada por abandonar os filhos na creche ou aos cuidados da babá. Quando, contrariamente, é

dona de casa, se culpa por não participar do orçamento doméstico e não ter uma atividade que a torne mais interessante aos olhos do marido e dos filhos. Quando abandona os estudos para seguir o marido, se sente culpada por não progredir intelectualmente. Quando é talentosa e resolve optar pela carreira, se sente ainda com mais culpa por ser mais preparada do que o marido.

Urgente, é a construção de um novo tipo de mulher, conscientizada de que pode e deve mudar as estruturas imperantes que a marginalizam, sem esperar que o façam os homens. Para isso, indispensável se torna que saiam da esfera doméstica e que se organizem, participando, nos seus grupos e comunidades, da luta pelos direitos de cidadania, pela sobrevivência, pela justiça e pela paz, exercendo sua criatividade, na construção e amadurecimento da própria identidade (SOARES, 1998:71).

#### 2.4 A ESCOLA COMO PRODUTORA E REPRODUTORA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO TRADICIONAIS

De acordo com BRODTMANN e KUGELMANN citados por SARAIVA (1999:99) possivelmente entre o 3<sup>o</sup> e o 5<sup>o</sup> ano de vida, uma criança se dá conta de que “eu sou menino” ou “eu sou menina”, começando aí a construção de uma identidade masculina ou feminina, através de percepções pessoais e, ao mesmo tempo, do social. Essa identidade, a partir daí, continua se desenvolvendo segundo as regras do seu sexo e o correspondente repertório de formas de comportamento que estão disponíveis.

Segundo WHITAKER (1988) a escola é um ambiente que expõe diferenças explícitas. O primeiro problema sexista da escolaridade é a ausência da figura masculina na função de educar crianças pequenas. Somente a partir da 5<sup>a</sup> série, quando a função de professor se especializa, adquirindo mais prestígio, é que começa a surgir o saudável contraste entre o elemento feminino e o masculino. Porém, nessa altura as crianças já tem formado estereótipos bastante desvalorizadores da função da professora, pois a escola reproduz a situação da família: o homem ausente, ao qual se atribui o poder, e a mulher, mãe em primeiro lugar, exercendo profissões que suplementam o lar.

Com relação aos livros utilizados nas leituras, estes contam histórias em sua maioria sobre meninos ou animais machos. As meninas quando aparecem, desempenham papéis insignificantes. Enquanto os meninos vivem aventuras, as meninas, são objetos que esperam salvação ou servirão para recompensar os meninos por suas proezas (WHITAKER, 1988:47).

No que tange aos filmes que as crianças assistem esta mesma autora diz que estes trazem modelos masculinos e femininos ultrapassados. Já as novelas estão cheias de mulheres fúteis e consumistas. Raramente trabalham, estando sempre lindas e maquiadas. Todas essas imagens faz com que a mulher internalize os significados do lar. E é desta forma que as crianças também as visualizam e se identificam ou não com seu papel.

Outro aspecto que evidencia a diferença entre os sexos, são as aulas de Educação Física onde ainda existem turmas que são separadas por sexo.

“[...] os professores de Educação Física colaboram para a manutenção das diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres” (FERREIRA, 1997:1397).

Para ALTMANN (1999) separar turmas por sexo é estabelecer uma divisão entre os gêneros; é exagerar uma generificação das diferenças entre as pessoas, desconsiderando variações no gênero e considerando apenas diferenças de gênero como importantes numa aula. É tornar as fronteiras das divisões de gênero mais rígidas do que de fato são e negar aos meninos e meninas a possibilidade de cruzá-las; é furtar-lhes de antemão a possibilidade de escolha entre estarem juntos ou separados. Isso acontece, porque as diferenças motoras entre meninos e meninas são, em grande parte, construídas culturalmente e, portanto, não são naturais, no sentido de serem determinadas biologicamente, e, conseqüentemente, irreversíveis.

“Para uma menina, assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Ocasionalmente ser chamada de ‘machona’ pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma, para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de ‘bicha’ ou ‘efeminado’”. (DAOLIO, 1995:103).

Diante destas circunstâncias os professores/as de Educação Física sentem dificuldade em se libertar de determinados preconceitos e começar a propor uma prática que propicie as oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, valorizando as diferenças e os interesses de cada um.

“A mulher e o homem sempre tiveram papéis diferenciados na Educação Física e Esporte. O lado machista que prevalece nas concepções de educação, de homem, de mulher, e de esporte e de movimento reforçam a discriminação entre pessoas de sexo diferente”. (FERREIRA, 1997:1399).

“A cultura que estrutura as formas de se brincar e os objetos com que se brinca, de maneira que se pode afirmar, sem erro, que os brinquedos são estruturados, na nossa cultura, de acordo com os sexos, principalmente a partir dos 4 ou 5 anos de idade”. (SARAIVA, 1999:100).

ASSUMPTÃO citado por SARAIVA (1999:101) diz que o brinquedo “[...] reforça a idéia de homens e mulheres “naturalmente” desiguais e com papéis bem definidos na sociedade. Brincando, as meninas são treinadas para as tarefas domésticas e para o culto à beleza. Enquanto isto, os meninos são treinados para ocuparem as posições de liderança nos mais diversos setores da sociedade.”.

Deste modo SARAIVA (1999) relata que não é difícil entender o quanto se torna problemática a inserção da criança em comportamentos que contradizem a conduta preconizada e predominante nos campos sociais, aos quais pertencem a Educação Física escolar e o esporte. As características culturais influem, então, na conduta de movimentos, de forma que a motricidade, a variedade e a individualidade de padrões de movimento e as concepções sobre o corpo, principalmente, têm particularidades em cada cultura.

DAOLIO (1995) diz que a postura dos professores/as de Educação Física pode ser outra. Se começarem a compreender que o corpo não é apenas determinado biologicamente, mas construído culturalmente por causa de valores sociais, poderão concluir que o corpo não está pronto e talvez nunca esteja. Os professores/as devem respeitar as diferenças entre meninos e meninas e, ao mesmo tempo, propiciar a todos

os alunos e alunas as oportunidades de prática e desenvolvimento de suas capacidades motoras.

CARDOSO citada por DAOLIO (1995:104) afirma acertadamente que a ação do professor de Educação Física, por mais progressista que seja, ainda não se liberou da dicotomia criada culturalmente entre o masculino e o feminino”(...) prosseguindo a atual ação pedagógica a limitar o pleno desenvolvimento motor dos indivíduos.”

Para WHITAKER (1988), muitas vezes a escola erra, pois espera das meninas “um comportamento dócil, meigo, obediente, justificando atitudes agressivas dos meninos, alegando ser esta uma das características.” O professor aceita mais bagunça do menino do que da menina, porque eles devem ser preparados para a iniciativa. Na menina, procura-se suprir qualquer vestígio de agressividade, despreparando a futura mulher para a luta pela vida, transformando-a na mocinha bem comportada e passiva.

FERREIRA (1997) diz que os meninos são, desde pequenos criados de forma mais solta, com a possibilidade maior de realizar atividades diferenciadas. As meninas por sua vez, têm uma vida mais presa e por isso aproveitam menos a capacidade de movimento de seu corpo. A Educação Física assim contribui para a manutenção das diferenças entre os sexos.

Diante destas circunstâncias as escolas devem mudar certos padrões, discutindo o verdadeiro significado do feminino nas sociedades e investindo no valor feminino e não em sua negação. (WHITAKER, 1988).

Para MEDINA (1990) os profissionais envolvidos com a educação e a Educação Física, não podem estar preocupados em formar seres iguaizinhos. Todo o processo pedagógico crítico deve permitir que as pessoas envolvidas nele possam ser elas mesmas. Como educadores/as devemos permitir que nossos alunos/as aprendam apenas os elementos necessários ao seu desenvolvimento em comunhão com os outros e o mundo.

### **3 METODOLOGIA**

A construção do presente trabalho deu-se a partir de pesquisas realizadas com diferentes referências bibliográficas.

A elaboração do estudo, partiu inicialmente da escolha do tema. Após, foram feitos resumos dos livros, artigos e revistas consultados e montou-se então a introdução, o problema, os objetivos e a revisão de literatura.

Com a constante participação e ajuda da orientadora, elaborou-se finalmente a conclusão e a presente metodologia. Com o trabalho concluído, foi possível a escolha do título e a aprendizagem com a construção do trabalho.

## 4 CONCLUSÃO

De acordo com o referencial bibliográfico utilizado conclui-se que a diferença entre os sexos ainda está presente em nossa sociedade. Uma sociedade machista que exige que o corpo feminino atenda ao padrão estabelecido do corpo perfeito. Um corpo submisso influenciado por uma cultura patriarcal feita pelos homens; um corpo reprimido e não agressivo. No entanto, atualmente os homens também estão buscando atender aos padrões do corpo perfeito, pois o corpo torna-se para eles um atributo para alcançar o sucesso e a dominação.

Sujeita a dominação, a mulher adquire seu significado no lar. Trabalhar em casa e cuidar dos filhos são atividades femininas, pois o trabalho na rua, suas aventuras e transformações são coisas que apenas homens machos e viris podem enfrentar. A mulher pode ser professora, ou enfermeira, pois a ela sempre foram designadas atividades que inspiram cuidados. Porém, observamos exemplos de mulheres que transgrediram as regras impostas pela sociedade patriarcal. Dentre elas destaca-se Bertha Lutz; bióloga paulista graduada pela Sorbonne que enfrentava a concorrência masculina para dirigir o Museu Nacional e fundar em 1918, a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher Brasileira, ao lado de Maria Lacerda de Moura. Jornalista, escritora, ativista política, que ficou famosa por suas idéias feministas e libertárias, expressas em inúmeras palestras, artigos publicados na imprensa operária anarquista e por seus vários livros da década de 20 e 30, onde dirige uma crítica contundente a moral burguesa, autoritarismo político e social e à opressão das mulheres.

Apesar destas transgressões, nas escolas e aulas de Educação Física as crianças ainda são divididas por sexo. Nesta situação, os opostos não se atraem. As diferenças são aprendidas em casa e praticadas na escola. A escola não só transmite conhecimentos, nem mesmo só os produz, mas também veicula representações na construção da identidade, que é fragmentada pela subjetividade.

Atualmente a escola co-educativa valoriza os dois sexos, mas não é suficiente apenas colocar meninos e meninas no mesmo espaço, mas proporcionar estratégias

que ambos os sexos participem e aprendam. Neste sentido, é indispensável questionar não só o que ensinamos, mas o modo que ensinamos e que sentido nossas alunas e alunos dão ao que aprendem, porque é justamente na falta de experiência na habilidade e participação que está a diferença de desempenho entre meninos e meninas. Deste modo, é de fundamental importância observar que as meninas são socializadas com menor proporção de atividades físicas, e tem menor probabilidade de adquirir certas habilidades fora do contexto da escola. Para evitar a estimulação das atividades estereotipadas, os valores do grupo misto devem ser constantemente confrontados, e verificar se os/as estudantes estão realmente trabalhando juntos. Trabalhar em grupo não é uma tarefa simples.

Para SOARES (1998) não será fácil nem rápida a eliminação da hegemonia patriarcal consolidada em nossa sociedade, pois a própria mulher, ao ser inferiorizada, passa a crer nisso, possibilitando sua perpetuação social ao transmiti-la aos filhos. Ela se torna agente veiculador de uma ideologia que lhe é nefasta, em função de uma organização econômica da qual não pode prescindir, porque a sustenta.

As reflexões relacionadas com a temática do gênero possibilitaram-me uma análise sobre o modo como o processo de socialização: família, escola, meios de comunicação, igreja, etc. faz com que meninos e meninas internalizem diferentes modos de viver a vida como mulheres e homens. Para que seja possível compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente os seus sexos, mas tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTMANN, Helena. Rompendo as fronteiras de gênero: marias (e) homens na educação física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1999. p. 112-117.
- ASTURIAS, Laura E. **Construcción de la masculinidad y relaciones de género**. Disponível em: < [www.artnet.com.br/~macho/artasturias.htm](http://www.artnet.com.br/~macho/artasturias.htm) > Acesso em: 10/05/2000
- BRUHNS, Heloisa Turini. Corpos femininos na relação com a cultura. IN : ROMERO, Elaine. **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 71-98. (Coleção Corpo e Motricidade)
- COMAS D'ARGEMIR, Dolors. Trabajo, género, cultura. La construcción de desigualdades entre hombres y mujeres. Barcelona: Icaria, 1995.
- COSTA, Maria Regina Ferreira. O lugar da diferença na formação em Educação Física: um estudo de casos institucional no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná – Brasil. Tese de doutorado não publicada defendida na Universidade de Barcelona. 1999.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. IN : ROMERO, Elaine (org.) **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1995. p. 99-108. (Coleção Corpo e Motricidade)
- DELGADO, Andréa. Em que espelho ficou perdida a minha face? **Educação, subjetividade e poder**, v. 2, n. 2, p. 67-71, abr. 1995.
- FERREIRA, José Luiz. As relações de gênero nas aulas de educação física: o caso de uma escola pública em Campina Grande – PB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, X, v. 2, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia, 1997, p. 1397-1401.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica del Poder**. Madrid: La Piqueta, 1992.
- LAGO, Benjamim Marcos. **Curso de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- LARROSA, Jorge. Tecnologías Del yo y educación: notas sobre la construcción y mediación pedagógica de la experiencia de si. In: LARROSA, Jorge. **Escuela, Poder y subjetivación**. Madrid: La Piqueta, 1995. p. 257-329.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo.** 2 ed. Campinas, SP : Papyrus, 1990.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: o corpo e a classe social no Brasil.** 5. ed., Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

ORBACH, Susie. Sexo não é obrigação. **Veja**, São Paulo, n. 36, 6 set. 2000. p. 11; 14-15. Entrevista.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Das razões do culto ao corpo às condutas éticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1999. p. 57-61.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito.** Coleção Fronteiras da Educação. Ijuí, RS : Unijuí, 1999.

SILVA, Ana Márcia. A razão e o corpo do mundo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1999. p. 52-57.

SOARES, Guiomar Freitas. Reflexões sobre a condição da mulher. **Momento.** Rio Grande, v. 1, p.69-73, 1998.

VEIGA, Roberto. O macho acorda do nocaute: abandonados em seu trono os homens vão a luta em busca da auto-estima perdida. **Revista Veja**, São Paulo, n. 4, p.70-77, 24 jan. 1996.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Dissimulações do uso social e político do corpo na educação física. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO: ESPORTE, EDUCAÇÃO E SAÚDE NO MOVIMENTO HUMANO, 3, 1996, Foz do Iguaçu. **Coletânea...** Cascavel: Gráfica Universitária, 1996. p. 139-149.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & homem: o mito da desigualdade.** 7 ed. São Paulo: Moderna, 1988.